

EPISÓDIO 2

Os anos de persistência

[Sons de violino embalam a cena contada a seguir]

EMMANUELE BALDINI:

Eu tive um primeiro professor que era um daqueles professores “*old school*”, mas “*old school*” mesmo. Era um professor que, quando eu não tinha uma posição correta em como segurava o arco, ele tinha uma vareta que batia com a vareta nos meus dedos. Eu já voltei várias vezes em casa chorando por causa disso. Apesar de voltar para casa chorando, eu nunca questioneei a continuidade. Nunca saiu da minha boca a palavra “eu quero parar”. E, depois muito menos... Quando aconteceram vários momentos de crise, de dificuldades, eu já tive um ataque de pânico no palco aqui na Sala São Paulo. Mas nada disso, nada desses acidentes de percurso, digamos, me fez desistir ou enfraquecer o meu desejo de continuar em frente.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Emmanuele Baldini, violinista italiano e spalla da Osesp, que é o líder da orquestra. O Baldini tem uma história de persistência e resiliência muito comum aos músicos, que precisam estar em forma para conseguir se apresentar com a qualidade e a frequência necessárias.

ARCADIO MINCZUK:

A gente estuda e dedica horas todo dia para o treino, nosso treino muscular, mental, cognitivo...

SANDRA ANNENBERG:

O oboé solista da Osesp, Arcadio Minczuk, outro veterano da Orquestra, fala mais sobre isso.

ARCADIO MINCZUK:

Nós temos vários ensaios semanais, três concertos por semana, repertório diferente toda semana. É como um atleta, né? Que ele vai exibir a performance dele lá e cada vez vai ser de uma maneira, vai ter um resultado de acordo com a condição dele, física, psicológica do dia... E, por isso, que a gente precisa estudar bastante, treinar todo dia e estar em forma...

SANDRA ANNENBERG:

A gente está falando tanto de persistência, porque essa característica foi fundamental para a Osesp chegar até onde chegou e ousasse buscar a excelência. No episódio passado, nós falamos dos desafios e interrupções que a Orquestra enfrentou. Neste, eu vou te apresentar um dos maiores - e mais persistentes - maestros que o Brasil já teve, uma figura fundamental para trazer estabilidade para a Osesp e personagem principal de histórias curiosas e emocionantes.

[Entra uma música ao fundo, de André Mehmari, para anunciar o podcast]

SANDRA ANNENBERG:

Bem-vindas e bem-vindos, eu sou Sandra Annenberg, e este é o segundo episódio de “Aqui a música toca”, a série que comemora os 70 anos da maior orquestra do Brasil, a Osesp.

Persistência - o tema deste episódio - é algo que todo músico precisa ter para aprender a tocar seu instrumento. É muito fácil desistir no começo, quando os dedos não obedecem e o som não sai do jeito que a gente quer, como acontecia quando o pequeno estudante de violino Emmanuele Baldini, quando tinha sete anos de idade, tocava o tema de *Sheherazade*, do compositor russo Rimsky-Korsakov...

EMMANUELE BALDINI:

Com sete, oito, nove anos eu não tinha as ferramentas técnicas necessárias pra tocar... saía de qualquer jeito, eu não tinha o vibrato, que é essa oscilação das notas. E a afinação era muito precária, sobretudo com várias mudanças de posição no violino, então podia soar algo tipo...

[Baldini tocando *Sheherazade* como tocava quando criança]

Digamos que, com 15 anos, também estava bem aquém dos recursos técnicos necessários. Eu tinha adquirido o vibrato [*mostra o vibrato*], essa oscilação... e um certo controle da afinação muito maior. Então uma execução daquela época podia soar mais ou menos assim...

[Baldini tocando *Sheherazade*, simulando como tocava à época]

E agora, digamos, o Emmanuele Baldini adulto, já com todos os recursos técnicos, apesar que nunca se chega no topo da montanha, como falamos, mas digamos que os recursos técnicos para tocar as principais obras do repertório estão adquiridos e incorporados. Hoje, uma execução, apesar de não termos a Orquestra e ser inspirado pelos colegas, poderia ser algo do tipo...

[Baldini tocando como toca hoje, nas últimas notas, surge toda a Osesp ao redor do violino, fechando o tema de *Sheherazade*]

SANDRA ANNENBERG:

Depois de todas as interrupções que a Osesp sofreu em seus primeiros anos - e que a gente ouviu no primeiro episódio - é hora de conhecer como a Orquestra conquistou a estabilidade necessária para se desenvolver. E para embalar esse capítulo da história, nós escolhemos a obra de Richard Strauss, compositor alemão do final do século 19.

[entra um trecho de *Uma vida de herói*, de Strauss]

Esse é o poema sinfônico *Uma vida de herói*. Nele, Strauss traça um paralelo entre as vidas de um herói e a de um artista, que busca inspiração e enfrenta os críticos em nome da arte. Quem explica pra gente é o pesquisador Jorge de Almeida.

JORGE DE ALMEIDA:

Essa vida do artista que também tem de enfrentar, no segundo movimento, os críticos, também tem que se inspirar nas musas, nas figuras inspiradoras. No outro movimento também tem que enfrentar batalhas e conflitos... Até que no fim pode alcançar a paz e a redenção e olhar com alguma satisfação pra obra que compôs ou da qual participou.

SANDRA ANNENBERG:

O artista e herói dessa fase da Osesp é Eleazar de Carvalho. O maestro que assumiu a Orquestra em 1973, depois de um hiato de cinco anos sem apresentações. Eleazar chega diretamente dos Estados Unidos, onde era regente em Nova York, e já tendo acumulado passagens por grandes orquestras como as filarmônicas de Londres, Berlim e Los Angeles.

Eleazar largou tudo para trás e veio pro Brasil liderar uma orquestra que mal existia. E tudo isso por um motivo muito simples...

MARCELO LOPES:

O Eleazar era um idealista. E ele era um brasileiro daqueles de alma. Então eu tenho certeza que ele voltou ao Brasil, como ele dizia, para “plantar a semente”.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Marcelo Lopes, diretor executivo da Fundação Osesp. Ele entrou na Orquestra em 1984, como trompetista, quando ela era regida por Eleazar. Foram 20 anos como músico, antes de migrar para a gestão. Por isso, ele conhece tão bem essa fase da Orquestra e conta pra gente como o maestro lidava com os músicos.

[entra mais um trecho de *Uma vida de herói*, de Strauss]

MARCELO LOPES:

Nós não tínhamos uma grande orquestra, a formação dos músicos no Brasil era bastante precária e, quando ele via alguém com algum talento, mesmo que inexperiente, era o meu caso, ele punha para dentro da Orquestra e treinava. Dava o tempo para a gente amadurecer, entender, mas não era um treinar assim, superficial, era um era um treinamento intelectual, uma preparação para a vida profissional.

[muda um pouco a cena]

SANDRA ANNENBERG:

Eleazar de Carvalho era cearense, de família pobre e entrou na música quase que por acaso. Em uma entrevista de 1973 ao programa *Primeiro Plano*, da TV Excelsior, ele conta um pouquinho como foi esse começo.

[barulho de TV ligando]

GRAVAÇÃO DE ELEAZAR DE CARVALHO:

Menino problema. Por que menino problema? Eu andava sempre brigando com os rapazes. E uma ocasião lá, meu pai não ficou mais contente com esse tipo de briga, e, então me levou para a Marinha. Marinha naquela época era escola correcional. Quando fui para a Marinha, sentado na minha mesa de comida, chamada *o Rancho*, à mesa ao lado, a comida era melhor. Então perguntei: “Escuta, por que a comida ali é melhor?”. E ele disse: “É porque ali são os rapazes da banda, são os músicos. Eles têm que comer ovos, para não ficar tuberculoso, pra soprar”. E eu disse: “O que que eu estou fazendo aqui que não estou naquela outra, comendo melhor?”. Então fui ao mestre Lisboa, em 1926, e pedi para entrar na banda. “Só tem um instrumento disponível, aquele grande, a tuba”, ele disse. Então mestre Lisboa me deu a tuba, entrei pra banda e passei para a outra mesa, onde se comia melhor. Então foi por gulodice que eu fui ser músico.

[barulho de TV desligando]

SANDRA ANNENBERG:

O Eleazar foi do refeitório da Marinha pros palcos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde estreou com sua ópera *O descobrimento do Brasil*, já como regente. Depois, Estados Unidos, Europa, e, em 1973, volta ao Brasil para assumir o Festival de Inverno de Campos do Jordão, e, em seguida a Osesp, já com fome de estimular a formação de novos músicos de orquestra no país.

[barulho de TV ligando]

GRAVAÇÃO DE ELEAZAR DE CARVALHO:

Campos de Jordão oferece certas qualidades atrativas para um festival desse tipo. Mas a finalidade da Secretaria é a de fazer 250 jovens conviverem ali durante um mês. Ouvindo os profissionais da música, vendo, dentro do ambiente.

[barulho de TV desligando]

SANDRA ANNENBERG:

Muitos músicos que passaram pelo Festival acabaram integrando a Osesp mais tarde. E formar novos músicos no Brasil era tarefa urgente. Apesar da experiência e vontade de montar uma orquestra brasileira, Eleazar precisou organizar audições fora do país e trazer músicos estrangeiros para completar o grupo. E o maestro chegou colecionando conquistas.

[Sobe som de um concerto regido por Eleazar]

Com ele, a TV Cultura começou a transmitir os concertos, a Orquestra nunca mais interrompeu sua atividade e ainda saiu em turnê, viajando pelo Brasil.

[Sobe som de um concerto regido por Eleazar]

Mas ainda faltava algo essencial: uma sede para a Orquestra. Naquela época, a Osesp tocava cada vez em um lugar diferente, incluindo auditórios que não eram apropriados para a música clássica. Além disso, os salários continuavam baixos e os músicos não tinham nenhuma segurança. Como lembra a timpanista Elizabeth Del Grande, a musicista mais longeva da Orquestra, que faz parte da Osesp há mais de 50 anos.

ELIZABETH DEL GRANDE:

Foram tantas lutas, tantas batalhas pelo Eleazar, né? A gente não tinha realmente perspectiva... E era um terror toda vez que tinha que renovar um contrato, que mudava o governo, a gente não sabia se a Orquestra ia continuar, se a gente ia ter emprego. Eu me lembro que eu ensaiava de manhã, à tarde saía para gravar e ia fazer show à noite e, naquela época, os shows eram pagos em dólar, né? Então a gente tinha que realmente fazer outras coisas para poder complementar porque o salário era pequeno e era sempre uma insegurança.

SANDRA ANNENBERG:

Os 23 anos de Eleazar à frente da Orquestra foram cruciais para que ela se transformasse na Osesp que a gente conhece hoje. Mas como diz um famoso ditado árabe, “quem planta tâmaras, não come tâmaras”. E em 96, Eleazar morre, sem ver a orquestra de excelência com que sempre sonhou. Mesmo assim suas conquistas continuaram, e foi durante seu velório, no Theatro Municipal de São Paulo, que uma das maiores batalhas do maestro começou a ser vencida.

GILBERTO SIQUEIRA:

Eu juro para você que foi uma experiência única na minha vida, porque eu me senti compelido, sabe? Uma coisa que te empurra mesmo... e tava brotando de lá de dentro de mim isso aí.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Gilberto Siqueira, trompetista que entrou na Orquestra no mesmo ano que Eleazar, em 73, e que hoje é professor da Academia da Osesp. Ele estava no palco do Theatro Municipal, onde o corpo do maestro era velado, e fez um discurso que mudou a história da Orquestra e que o emociona até hoje.

GILBERTO SIQUEIRA:

E eu fui lá na frente sem ter pensado no que falar nem nada... Hoje, eu falei, nós estamos aqui muito tristes, porque o maestro Eleazar teve uma vida inteira plena para conquistar o que ele queria, mas ele não conseguiu também. Ele queria fazer uma academia, ele queria um teatro... nossa, tudo que todo mundo queria... então eu falei: eu queria pedir para os empresários e políticos que parassem de explicar por que que não dava... e encontrassem um caminho para dar a cultura um endereço! Foi o que eu falei. [se emociona]. Assim, olha, o teatro veio abaixo, como se fosse final de ópera! O que eu não sabia é, que nesse dia, que me contaram depois, que o Covas tinha acabado de entrar no teatro, eu não tinha nem visto! Ele e o secretário Marcos Mendonça, que foi o cara que fez tudo aqui acontecer.

[Entra um novo momento, já com a *Sinfonia Alpina*, de Strauss]

SANDRA ANNENBERG:

Os anos de Eleazar à frente da Osesp foram uma longa jornada cheia de altos e baixos, percorrida com muita persistência. Uma trajetória similar à narrada na *Sinfonia Alpina*, também de Richard Strauss.

[trilha de fundo com a *Sinfonia Alpina*, de Strauss]

Neste poema sinfônico, Strauss leva a gente por uma excursão aos Alpes Bávaros, lugar que o próprio compositor visitou quando só tinha 14 anos. Durante a subida, Strauss passa por diversos lugares, momentos e emoções, da tensão ao êxtase.

Ainda no início da jornada, Strauss se depara com uma floresta misteriosa...

[trilha de fundo com a *Sinfonia Alpina*, de Strauss]

Mais à frente, sua persistência é testada ao atravessar uma geleira...

[trilha de fundo com a *Sinfonia Alpina*, de Strauss]

Aqui, já no topo da montanha, o céu se abre e o compositor tem uma visão panorâmica da natureza...

[trilha de fundo com a *Sinfonia Alpina*, de Strauss]

Mas, na vida de um artista, a visão do topo da montanha sempre revela um novo desafio...

EMMANUELE BALDINI:

Quando você chega naquele que parecia ser o topo da montanha, quando você estava lá embaixo, você percebe que tem mais uma subida, tem outro topo que aparece, e que lá de baixo não dava para ver... Essa é a vida da artista, esse é o fascínio da vida da artista e ao mesmo tempo é a dificuldade da vida do artista, e a vida de uma instituição ou de um conjunto de pessoas, como é uma orquestra, não é diferente. O artista que pensa que chegou ao topo da montanha, naquele dia morre como artista.

[Segue a *Sinfonia Alpina*, agora em momento inspirador que simboliza a conquista do topo da montanha]

SANDRA ANNENBERG:

A persistência de Eleazar e de todo o corpo de músicos levaram a Osesp ao topo. E a partir dele, novos topos foram avistados e também conquistados. Após a partida do maestro, a jornada da Orquestra foi marcada por uma sequência de conquistas.

E na mais importante delas, a antiga estação de trem Sorocabana é transformada em uma das melhores salas de concerto do mundo, a Sala São Paulo, sede da Orquestra até hoje. E a abertura foi uma grande festa, com direito a repórter ao vivo na TV.

[barulho de TV ligando]

REPORTAGEM TV CULTURA:

Boa noite, o Brasil ganha hoje uma das salas de concerto mais moderna do mundo, é a Sala São Paulo, aqui no Complexo Cultural Júlio Prestes, onde fica a estação ferroviária no centro de São Paulo. Lugar que volta a merecer destaque na cidade.

[Retorna à *Sinfonia Alpina*, em um momento de ápice]

SANDRA ANNENBERG:

Além da conquista de uma sede, com a criação da Sala São Paulo, as condições de trabalho dos músicos melhoram, e o maestro John Neschling, que substitui Eleazar no pódio, inaugura o ciclo de turnês internacionais e gravações que resultam em prêmios e no reconhecimento da Osesp como uma das maiores orquestras da América Latina.

[Trecho da *Sinfonia Alpina* é concluído, fechando a cena]

Mas todo esse sucesso - e os percalços que vieram junto com ele - eu te conto no próximo episódio.

GRAVAÇÃO DE JOHN NESCHLING:

“Eu disse uma vez: se eu sou polêmico, eu estou em boa companhia, porque os grandes polêmicos foram aqueles que pensaram mais, aqueles que conseguiram ir mais longe. Não são dois lados da mesma moeda. É a mesma moeda. O trabalho que eu exijo de mim, eu exijo dos outros”.

SANDRA ANNENBERG:

Você também vai escutar um instrumento que - apesar de fazer parte da família da percussão - é capaz de tocar melodias...

[Elizabeth Del Grande tocando o tímpano]

E vai ouvir, no palco da Sala São Paulo, a nota musical que afina toda a Orquestra. É imperdível!

[Arcadio Minczuk dando o “Lá”, seguido pela afinação de toda a Orquestra]

[Entram créditos finais]

| o

| s

| e

| s

| p

Esse episódio teve áudios da Osesp, do Canal Arte 1, da Pródigo Filmes e da TV Cultura.

No portal de conteúdo do site **osesp.art.br** você encontra mais sobre este capítulo da história da Orquestra.

“Aqui a música toca” é uma produção Ser Sonoro, com realização da Fundação Osesp e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas.